

ENTRE O SONHO BRASILEIRO E O DANTESCO: A MIGRAÇÃO HAITIANA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Raimundo Damasceno⁴

Gicele Sucupira⁵

RESUMO

Com o foco na migração haitiana a Amazônia brasileira, este texto argumenta que a presença desses novos sujeitos recolocou em cena tensões racistas e visibilizou os problemas da atenção básica aos migrantes no Brasil. Fatos que muitas vezes transformam o sonho de melhores condições de vida em um sonho dantesco, que reavivou as penúrias vividas por escravos africanos no Brasil.

Palavras-chave: Haitianos; Migração; Racismo.

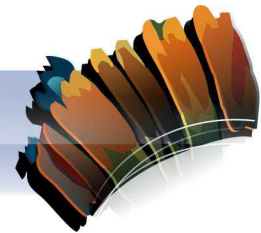
ABSTRACT

Focus on the haitian migration to brazilian amazonia, this paper argues that the presence of these new subjects putted racist tensions back and made the problems of primary care to migrants in Brazil visible. These facts often turn the dream of a better life in a Dantesque dream, reviving the shortages experienced by African slaves in Brazil.

Key-words: Haitians; Migration; Racism.

4 Graduado em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

5 Mestra em Antropologia Social. Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR)



INTRODUÇÃO

A população haitiana não foi a primeira de tez negra e língua estranha que chegou em embarcações ao Brasil. Passados mais 200 anos da escravidão africana, velhos debates ressurgiram em novos termos após a presença de haitianos no Brasil.

Esses novos sujeitos recolocaram em cena tensões racistas que ainda rondam o país e visibilizaram os problemas da atenção básica aos migrantes. Nesse sentido, este texto, por meio de uma breve revisão, argumenta que as discussões sobre a migração haitiana não deve ser descolado dos debates sobre racismo e preconceito. A raça, nessa perspectiva, “não seria uma qualidade inerente ao sujeito racializado ou, mais especificamente, ao seu organismo, mas uma forma de qualificar ancorada no olhar que recai sobre ele” (SEGATO, 2005:3).

O SONHO BRASILEIRO

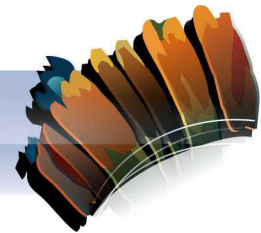
Viajei desde Santo Domingo até Lima capital do Peru, com uma escala na cidade do Panamá. De Lima peguei um voo para Iquitos, daí segui pelo rio Amazonas numa viagem de barco até Tabatinga. [...] Quando cheguei na fronteira no dia 20 de outubro de 2011, fiz a saída na migração do Peru já que tinha visto de lá. Já era de noite quando atravessei para o lado brasileiro. (TELEMAQUE, 2012:64).

Neste breve relato, o Sr. Ernst Casséus, haitiano que entrou no Brasil via Tabatinga, contou sobre sua chegada ao Brasil à Jenny Telemaque (2012). Tal quais muitos haitianos, Casséus chegou a Tabatinga pelo rio, via Peru. Pelo rio ou pelo ar, os trajetos dos Haitianos ao Brasil eram semelhantes, como salienta Duval Fernandes e outros (2011). A principal rota utilizada para adentrar o território brasileiro era:

...o percurso trilhado por esses deslocados começa no Haiti, passando pela República Dominicana, de lá para o Panamá, em seguida Equador, depois Peru, até chegarem ao Brasil; ou, ainda, do Equador para a Colômbia e, por fim, o Brasil. (GODOY, 2011: 48).

Portanto, as rotas de acesso ao Acre e ao Amazonas são quase idênticas, de acordo com Sidney Silva (2012):

Para os que se dirigiram para o Amazonas, as cidades de passagem no Peru eram Lima, a capital, e Iquitos na Amazônia peruana, e depois tomavam um Barco até Santa Rosa, onde cruzavam o rio Solimões para entrar em Tabatinga (AM). Já os que entravam pelo Acre tinham duas opções: a primeira seguia de Lima até Cusco, na região andina, e depois até Iñapari² e Assis Brasil (AC), e a segunda era entrar em território boliviano até Cobija e depois até Brasileia, do lado Brasileiro. (2012:304).



Em geral, a opção por esses trajetos se definia pela facilidade de acesso ao Equador e ao Peru, onde havia pouca fiscalização, como a não exigência de visto para haitianos. Além disso, a vasta extensão de fronteira amazônica de aproximadamente 10.000 no Amazonas apresenta uma “porosidade” e a crônica falta de fiscalização, que devem ser relevados quando se analisa a migração nessa região (FERNANDES; DINIZ e FARIA, 2011:10). Mesmo que a migração não seja tão expressiva se comparada aos fluxos em direção à Região Sudeste ou Sul, deve ser tratada com a mesma atenção.

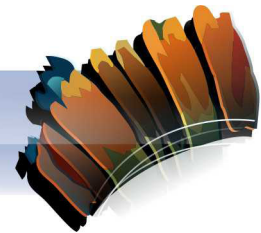
Os haitianos, no entanto, não eram os primeiros estrangeiros a chegar ao Brasil. O início do movimento migratório ao Brasil para Juran-dir Zamberlam (2004) se deu após a Independência do Brasil, quando emergiu a “migração estimulada”. Eram imigrantes destinados à colonização, cujo principal objetivo era ocupar e utilizar as extensões de terras para produção agrícola. Um movimento de ocupação e colonização.

Em seguida, ainda num período colonial, para o autor, inicia-se a “migração forçada” de escravos africanos, que entre o século XVI ao XIX, traficou o número aproximado de cinco a seis milhões de africanos para serem escravos em várias partes do território brasileiro. Os negros trazidos da África como escravos entre o século XVI ao XIX, para alguns autores (SANTOS, 2008), sequer podem ser considerados migrantes, uma vez que foram assujeitados ao deslocamento. Eram prisioneiros sem direitos.

Já meados do século XIX e início do XX, o Brasil passou a receber outros imigrantes, conhecidos como “gente branca livre e industriosa” “braços livres para a lavoura”. Vindos em sua maioria da Europa (suíços, alemães, eslavos, turcos, árabes, italianos, japoneses, entre outros.), buscavam oportunidades de trabalhos e melhores condições de vida.

Apesar da abolição da escravatura (1888) ter se tornado um ponto de referência para o aumento da imigração ocorrida nessa época, justificando a necessidade de trazer novos trabalhadores ao país aliada à industrialização na Europa, que anunciava mudanças nas relações de trabalho no Brasil. (BAENINGER, 2012), a preocupação com a mestiçagem rondava o cenário intelectual e político, que vislumbrava no branqueamento via migração europeia a solução de muitos problemas (SCHWARCZ, 1993).

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, o Brasil era o favorito de europeus e asiáticos. (ZAMBERLAM, 2004). Um país de oportunidades transparecia no imaginário de boas alternativas a quem procurava melhorias de vida e acima de tudo, trabalho. Uma visão futurista



sobre o Brasil era propagada e permitia acreditar na eventual chance de mudar de vida, o que pode ter contribuído, segundo o autor para o deslocamento daqueles imigrantes ao país.

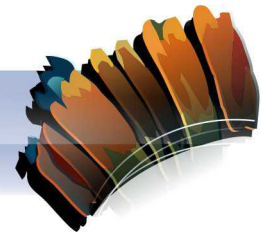
Em apenas 30 anos, no século XIX e início do século XX, mais 2 milhões de estrangeiros se deslocaram para o Brasil, muitos destes substituíram os antigos trabalhadores escravos e foram submetidos às veladas formas de servidão (ZAMBERLAM, 2004, ARAGÓN, 2001). Era o período conhecido como a era das grandes migrações transoceânicas, como atenta Luís Aragón (2011:02).

Em meados do século XX, o cenário parece mudar. A instabilidade rondou os fluxos advindos de outros países ao Brasil, que passou a ser um país de emigrantes. Tornou-se um emissor para outros países, principalmente, para países mais desenvolvidos. (FERNANDES ET ALL, 2011). A emigração brasileira, no entanto, não durou muito tempo. A crise econômica iniciada no ano de 2008 gerou uma reversão das expectativas daqueles que viviam no exterior, aproximadamente 4,5 milhões naquele ano. Muitos destes retornaram ao país.

Anos depois, se intensificou tanto o retorno de brasileiros do Japão, Europa e EUA, como a circulação de pessoas advindas de outros países, que tinham como destino final o Brasil (JARDIM; 2013). Essa reversão “da posição do Brasil que até os anos 80 era um emissor de imigrantes, para tornar-se um polo de atração de novos migrantes” (JARDIM, 2013:67) causou muitas e novas preocupações sobre a circulação de pessoas no Brasil, evidenciadas na intensificação dos debates sobre migrações, conforme salienta a autora.

Na rota das migrações internacionais contemporâneas, e em suas articulações com a reestruturação econômica internacional, o Brasil passou a conviver com a emigração e a imigração internacionais (BAENINGER, 2012). Uma série de fatores somados a boa fase vivida pelo Brasil e a potência da economia brasileira devem ser considerados, como as intensas transformações ocorridas a nível global no âmbito social, político e econômico (SILVA, 2012). Fenômenos como a globalização, a ampliação das comunicações, as crises econômicas, os conflitos entre estados incluem-se a possíveis fatores que contribuíram para a conformação desse cenário brasileiro recente, como ressalta Rosana Baeninger (2012):

O final do Século 20 e o início do Século 21 revelaram enormes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em âmbito internacional com fortes rebatimentos nos contextos da imigração latino-americana e do Brasil [...] Nesse cenário, o Brasil também passou a se inserir, com reflexos na configuração de um novo contexto das migrações internacionais para o país (BAENINGER, 2012: 09).



Outra questão bastante favorável a esse contexto teria sido a então boa fase brasileira reconhecida internacionalmente. De acordo com Duval Fernandes e outros (2011),

A situação econômica privilegiada do Brasil em relação a outras nações neste começo de década, fez com que aumentassem, de forma constante, as solicitações de vistos de trabalho de estrangeiros, muitos dos quais foram para funcionários de empresas que vêm investir no país. Em 2010, o número de vistos de trabalho concedidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego chegou a 56.201 vistos, um aumento de 30% em relação ao ano anterior. (2011:04).

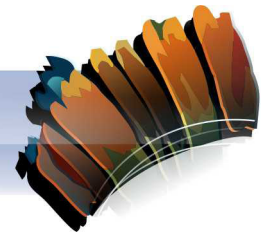
No novo contexto das migrações, partem rumo ao Brasil desde 2010 novos sujeitos - os haitianos.

OS INVASORES?

A presença dos haitianos não era nada invisível ou desconhecida em Tabatinga/AM em 2011. Era possível vê-los andar pela cidade, principalmente, no porto e na Avenida Mallet, onde compravam suas passagens para os barcos com destino a Manaus, vê-los em filas em frente à Delegacia Federal e nos locutórios de Letícia, cidade colombiana vizinha a Tabatinga.

A tez negra das pessoas que passaram a circular pelo Brasil, principalmente, em algumas regiões, causou espanto e até comentários racistas em diferentes mídias (TELEMAQUE, 2012). Denise Cogo e Maria Badet (2013), ao analisarem algumas notícias a respeito dos haitianos, identificaram o tom sensacionalista de “invasão” em algumas e em outras a preocupação com o tratamento dispensado a estes:

o recurso da quantificação das imigrações para o Brasil colabora também para a criação de uma ambiência de excesso, temor e descontrole frente à chegada de alguns grupos de imigrantes, como é o caso recente dos haitianos que começaram a ingressar no país, especialmente a partir do final de 2011. Parte da cobertura midiática sobre a entrada de imigrantes procedentes do Haiti pelas fronteiras da região norte do país esteve marcada por um tom sensacionalista através da utilização de um campo semântico e de imagens que sugeriam “chegada massiva”, “invasão”, “descontrole por parte das autoridades” e “ilegalidade por parte dos imigrantes”, etc., conforme pudemos observar em muitos materiais informativos e reportagens veiculadas sobre o assunto. (COGO e BANET, 2013 : 41)



A ideia de invasão haitiana, segundo Denise Jardim (2013), advém, ao menos no Rio Grande do Sul, não do número e sim do fato desses sujeitos chamarem muita atenção:

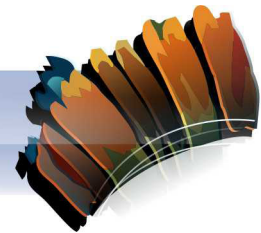
Mesmo que os haitianos representem numericamente menos pessoas, em comparação aos 20 mil uruguaios que historicamente tramitam documentos para fixar residência no RS, ou o grande fluxo de trabalhadores nordestinos nas obras de estádios no sul do país, é a presença de haitianos e, posteriormente a de senegaleses nas cidades industriais no Rio Grande do Sul, que conflagrou uma atenção na qual se agregam elementos diversos; um extremo estranhamento local da presença de pessoas negras em áreas de colonização majoritariamente italiana e alemã, um apelo intenso das entidades religiosas em função do rigoroso inverno e da precariedade com que essas pessoas o enfrentavam ao circular nos lugares públicos, desprotegidos do frio e casos em que essa frequência no mercado informal despertava na ação da polícia local. (JARDIM, 2013:.74)

A diferença sentida por um homem haitiano que se deslocou do norte ao sul do país é evidenciada no trecho de uma entrevista apresentada no artigo sobre a trajetória de homens haitianos de Lorena Barbosa (2013): “Quando eu estava em Manaus as moças vinham conversar comigo mais seguido, aqui no Rio Grande do Sul é mais difícil.” A autora argumenta que esses homens haitianos, quando no sul do Brasil, podem se sentir “isolados pelo fato de serem negros.” (2013: 04). A relação amorosa entre brasileiras e haitianos, conseqüentemente, parece mais frequente na região Amazônica para a autora, que faz referência ao artigo ‘ Brasileiras planejam se casar com os “discretos” haitianos’ escrito por Kátia Brasil no Jornal Folha de São Paulo, em 22 de janeiro de 2012.

Mesmo no Norte, como atenta Elder Paula (2012), a chegada dos haitianos também causou surpresa:

Habitados com a presença nas duas últimas décadas de estrangeiros “branquinhos de olhos azuis” falando em inglês, português, espanhol e ou “portunhol”, eis que de repente, entre final de 2010 e início de 2012, as populações de algumas cidades situadas na fronteira [...] surpreendem-se com chegada de um novo tipo social: centenas de homens, mulheres e crianças negras falando uma língua estranha, o crioulo haitiano. (2012: 02).

Antes da ‘invasão haitiana’ (COGO e BANET, 2013), não se pode esquecer da invasão brasileira:



“o Brasil enviou ao Haiti, em 2004, quando começou a Força de Paz da ONU, 1.200 soldados. Depois do terremoto, o contingente aumentou para 2.200 homens [...]. Curiosamente a situação se inverte e os haitianos passam a ser considerados os “invasores” [...]” (DE PAULA, 2011)

O Brasil há algum tempo já tinha uma relação próxima com o Haiti. No país, havia a presença militar brasileira desde 2004 quando passou a liderar as forças de paz da ONU (SILVA; 2012). Esses e outros fatores já acenavam para um possível posicionamento do Brasil quanto à situação apresentada pelos haitianos após terremoto de 2010.

Rotulado ou até mesmo estigmatizado como um “país acolhedor”, das “oportunidades”, “receptivo”, e por outro lado observando a mobilização humanitária de vários países comovidos com a situação que se encontrava o Haiti, entra em cena o Brasil no foco das imigrações no século XXI. (SILVA, 2012).

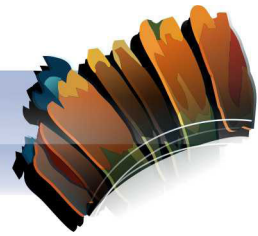
A emigração, no entanto, não era algo novo para os haitianos. Antes do Brasil, os principais destinos dos emigrantes haitianos, segundo Jenny Telemaque (2012), eram: Estados Unidos, Canadá, França, Caribe.

Os Haitianos, para Nina Schiller e George Fouron (1997), integram de uma nação transnacional espalhada por muitos países que se define como negra, desde que expulsou, em 1804, os brancos - franceses. A transnacionalidade, nesse sentido, é marcada pela intensa influência que haitianos residentes em diferentes países, como E.U.A e Canadá, têm sobre os problemas políticos do país. Esses sujeitos têm como referência a cor negra, que os une em um “laço de sangue” para além das fronteiras. Ver-se e ser vista como nação negra, portanto, é uma das características do Haiti.

O SONHO DANTESCO

Logo pela manhã foi possível presenciar na praça central da cidade uma cena [...] Um haitiano fazia alongamento em outro compatriota, tentando recolocar o que a noite mal dormida havia tirado do seu lugar. (SILVA; 2012)

Não é difícil rememorar nessas cenas de Tabatinga descritas por Sidney Silva (2012) os tempos de escravidão, expresso nas péssimas condições dos navios negreiros descritos por Castro Alves e das senzalas brasileiras. Estas não eram as únicas cenas que fazia qualquer um voltar ao tempo. Algo semelhante também observou Elder de Paula (2012) no Acre:



Tal como no tempo da escravidão, os haitianos escolhidos pela “grosura da canela” naquele mercado de seres humanos que se transformou a praça de Brasília, foram levados para trabalhar em atividades ligadas ao agronegócio, fazendas e frigoríficos localizadas no estado de Rondônia.” (2012:19)

Foram submetidos a condições precárias de subsistência e passaram a disputar com outros imigrantes em Tabatinga, por exemplo, os poucos empregos, o que gerava situações de conflitos e violência contra os eles. (SILVA, 2012: 15) Se em Tabatinga os haitianos vivem um clima de incertezas (SILVA, 2012), em outras cidades do Brasil, como Porto Velho, segundo Geraldo Cotinguiba e Marília Pimentel (2012), eles viviam momentos de dificuldades e esforços.

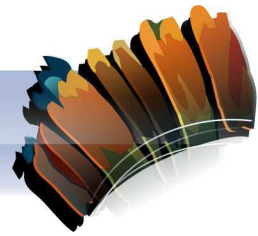
Haitianos vivenciavam, enquanto imigrantes na busca enlouquecida de um sonho, encontros e desencontros com o racismo e a xenofobia, evidenciados na desconfiança e na exploração:

A ignorância e o medo não fazem mais do que alimentar o que prevalece em grande medida na relação entre os estrangeiros e os haitianos, e que está para além da consciência e da sua bondade ou maldade: o racismo. Comportamentos, reações, limites e expectativas são associados a características inatas de haitianos e haitianas, cuja singularidade se expressa no corpo. (THOMAZ, 2011:275-6)

Ernst Casséu, por exemplo, contou como ficou triste ao ver como que os jornais de Manaus que colocavam os haitianos como se fossem a pior coisa do mundo e traziam doenças como a cólera e a Aids (TELEMAQUE, 2012 : 65-6) Confundidos com africanos, estavam longe de se sentirem em casa, já que para Nina Schiller (2011):

A capacidade dos haitianos se sentirem em casa em novo país, é limitada pelo fato de, ao se apresentarem como americanos, passarem a ser qualificados pela palavra negro ou africano, quando, no Haiti, a palavra neg – negro se aplica a todos os seres humano (SCHILLER,2000: 131).

Estavam em um país em que os mais e menos humanos poderiam ser resumidos a brancos e negros, ao contrário do Haiti. A tez negra, portanto, se tornou com frequência principal referência para hierarquizar esses sujeitos em relação a outros migrantes e os que no Brasil já viviam. O ímpeto racista imperou, nesse sentido, fazendo que a raça atuasse mais do que poderia na pretensão de hierarquizar diferenças, ao invés de fazer com que convivessem (SCHWARCZ, 2010:92).



ENTRE O SONHO BRASILEIRO E O DANTESCO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se engajar numa experiência dessa magnitude, como a imigração, não é algo fácil. Significa, por vezes, se adequar a um meio hostil até alcançar melhor qualidade de vida para si e para os seus (BARBOSA, 2013). Entre muitos fatores para migrar, estão os “sonhos de realização pessoal.” (ZAMBERLAM, 2004:14), sonhos que não são de um só:

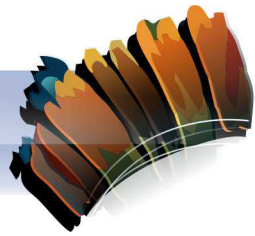
Estes imigrantes têm no seu PC ou na carteira, a fotografia das pessoas que amam e que deixaram para trás, porque vieram em busca de um sonho: Um projeto pessoal, um projeto migratório que lhes permita uma melhor qualidade de vida para si, para sua família, um emprego que possa gerar renda o suficiente para sobreviverem e prosperarem economicamente. O sonho do emprego. (BARBOSA, 2013: 04)

Muito mais do que simples e singelos sonhos, suas bagagens material e sentimental vão muito além das fronteiras ultrapassadas. Nelas se concentram todas suas experiências e expectativas do caminho trilhado e do novo momento que ainda está por vir. “Entre o sonho e a realidade existem inúmeros desafios a serem enfrentados e superados: a língua, a cultura, os preconceitos são dificuldades apontadas pelo grupo.” (BAENINGER, 2012: 20).

Sidney Silva (2005), a seu modo, já alertava que não era “mera coincidência a situação de exploração e discriminação vivenciada pelos imigrantes bolivianos e a enfrentada pelos negros no Brasil (SILVA, 2005: 229), já Elder de Paula (2012) salientou o fato que “não é só para os negros haitianos que “fronteiras” e “portas” se fecham.” (DE PAULA, 2012: 02).

A chegada dos haitianos ao Brasil surpreendeu não apenas inúmeros brasileiros, principalmente de Sul ao Norte do Brasil, como também muitos estudiosos do tema (JARDIM, 2013) e com isso, fez com que houvesse uma visibilização da questão migratória:

Esse novo “outro” corporifica, em um corpo negro, o “estranho” na paisagem das cidades de interior (do RS) e, ao mesmo tempo, reitera imagens de integração acalentadas na sociedade local com relação a imigração de outrora, seja a do século XIX, seja a presença massiva de uruguaios, que se tornam “menos” migrantes que os atuais. Esse processo de visibilização da questão migratória nos permite entender como na confluência de diferentes atores a disputar os sentidos, um diálogo instrumentalizado por narrativas potentes sobre os direitos humanos dos imigrantes e refugiados, forneceu parâmetros ao debate e que ampliou a visibilidade, não só de novos imigrantes, mas de novas agendas institucionais. (JARDIM, 2013:74)

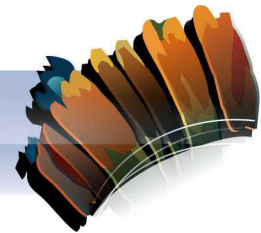


Os haitianos colocaram em pauta a questão da circulação de pessoas no Brasil, como contribuíram com a eclosão do “problema migratório”. Tanto Brasília/AC (DE PAULA, 2012) quanto Tabatinga/AM (SILVA, 2012; DAMASCENO, 2014) tiveram que criar novas alternativas. No entanto, muitas vezes, Haitianos não eram tratados como sujeitos, que têm desejos, anseios e devem ser tratados com dignidades. Tornam-se objetos para os quais era preciso dar algum ou qualquer destino, como também aconteceu no próprio Haiti:

Os haitianos de todos os grupos sociais transformaram-se em objeto de discursos e políticas, jamais sujeitos, mesmo quando o terremoto revela o fracasso de um mundo que os brancos inventaram por ali, o mundo da ajuda internacional. Tudo isto, insisto, porque são negros. (THOMAZ, 2011:282)

Haitianos não eram, de fato, estrangeiros quaisquer no Brasil. Assemelham-se àqueles trazidos no século XVI. Tinham a tez negra e não cabelos loiros ou olhos azuis. Semelhança que não pode ser relegada para entender a dramática situação enfrentada na chegada ao Brasil. A longa espera por sua regularização no país, a busca por emprego e de seus imprevistos destinos reverteram, por vezes, o sonho brasileiro em um sonho dantesco, de penúrias e sombras, nas margens.

Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!..
Castro Alves, Navio Negroiro.



BIBLIOGRAFIA

ARAGON, Luis E. Introdução ao estudo da migração internacional na Amazônia. *Contexto int.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, June 2011. Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em 17 Dez. 2013

BAENINGER, Rosana (Org.) *Imigração Boliviana no Brasil Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa Campinas*, 2012.

BARBOSA, Lorena Salete. *O Homem Haitiano enquanto Imigrante: experiências de vida no sul do Brasil Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*. Florianópolis, 2013.

DAMASCENO, Raimundo. *Entre o sonho brasileiro e o dantesco: haitianos em Tabatinga*. Monografia de Conclusão de Curso em Antropologia. UFAM.2014.

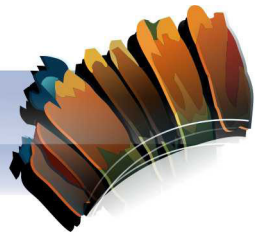
COGO, Denise e BADET, Maria. De braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como país de imigração. In: ARAÚJO, E., FONTES, M. & BENTO, S. (eds.) *Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*. Braga: Universidade do Minho, 2013.

PIMENTEL, M. L. ; COTINGUIBA, G. C. . Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. *Travessia (Sao Paulo)*, v. 70, p. 99-106, 2012..

FERNANDES, Duval Magalhães; DINIZ, Alexandre Magno; FARIA; Andressa Virgínia de. *Migración en la Frontera Norte de Brasil: flujos e nuevas redes*. V Encuentro Nacional de Demógrafos y Estudiosos de La Población/ Universidad Central de Venezuela. FACES- FAU. Caracas, 2011.

GODOY, Gabriel Gualano de. *O caso dos haitianos no Brasil e a via da proteção humanitária complementar*. In: RAMOS, André de Carvalho; RODRIGUES, Gilberto e ALMEIDA, Guilherme Assis de, (orgs.). *60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro*. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011.

JARDIM, Denise Fagundes. *Os Direitos Humanos dos imigrantes: Reconfigurações normativas dos debates sobre imigrações no Brasil contemporâneo*. Densidades. n° 14 dez. Buenos Aires, 2013



PAULA, Elder Andrade de. Desdobramentos de uma tragédia: da crise humanitária no Haiti à crise dos haitianos e demais desterritorializados no Brasil. Entre desastres e transgressões, a chegada dos imigrantes haitianos no “reino deste mundo amazônico”. 36º Encontro Anual da Anpocs. 2012.

SCHILLER, Nina Glick. Teorização feminista sobre nação e estado. CADERNO CRH, Salvador, n. 33, p. 113-142, jul./dez. 2000

SCHILLER, Nina Glick, FOURON, Georges. “Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional.” Revista crítica de ciências sociais 48 (1997): 33-66.

SCHWARCZ, Lilia. O som do silêncio: sobre interditos e não ditos nos arquivos quando o tema é escravidão ou escorre para o racismo. Cadernos AEL, v. 17, p. 69-98, 2010

SEGATO, Rita. Raça é Signo. Série Antropologia. UNB. 2005.

SILVA, Sidney Antônio da (Org.). Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

TÉLÉMAQUE, Jenny. Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti.” Cadernos de Campo (São Paulo, 1991) 20.20 (2011): 273-284.

ZAMBERLAM, Jurandir. O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004.